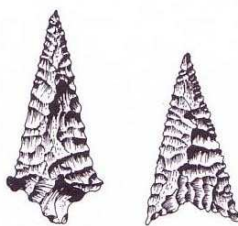


JOÃO LUÍS CARDOSO
JOÃO CARLOS CANINAS
FRANCISCO HENRIQUES

A ANTA 2 DO COUTO DA ESPANHOLA

(ROSMANINHAL, IDANHA-A-NOVA)



UISEU — 1997

Resumo

Neste trabalho apresentam-se os resultados da escavação da anta 2 do Couto da Espanhola. Trata-se de monumento de grandes dimensões, no âmbito dos monumentos da região, com câmara poligonal e corredor longo. Entre o espólio recolhido, avulta a grande diversidade tipológica das pontas de seta. Estas, tal como as lâminas de sílex, muito longas, são sempre em sílex, matéria-prima inexistente na Beira Interior, mas disponível abundantemente na Baixa Estremadura. Desta forma, é de admitir comércio transregional do sílex, o qual seria permutado por anfíbolitos, rocha por seu turno indispensável às tarefas quotidianas das populações estremenhas.

As características arquitectónicas deste monumento são compatíveis com a abundância e diversidade do espólio recolhido. Ambas se diferenciam claramente da arquitectura e do espólio recolhido na Anta 6 do Couto da Espanhola, monumento distanciado apenas cerca de 1000 m para NE. Trata-se de pequena anta sem corredor, de planta elíptica regular e com espólio primitivo, com geométricos, mas de onde se encontravam ausentes as pontas de seta.

Desta forma parecem encontrar-se ilustradas duas fases bem diferenciadas do fenómeno megalítico, com expressão à escala regional.

De salientar que os cerca de 60 monumentos dolménicos reconhecidos no âmbito deste projecto de investigação arqueológica regional mostram as respectivas mamoas cobertas de blocos de quartzo leitoso de coloração acentuadamente branca: houve, pois, no decurso do período, por certo longo, em que se observou na região a construção de monumentos dolménicos, a preocupação, evidente, de os fazer ressaltar da paisagem.

Abstract

In this work, the results of the excavation of Anta 2 do Couto da Espanhola are presented. It's a large size monument, in terms of the regional megalithism, with a polygonal chamber and a large corridor.

The collected materials present a wide typological diversity of arrows. These arrows, the same as the long blades, are always made of silex, a material which does not exist in the region, though very abundant especially in Lower Estremadura. Thus, we can admit a transregional trade of these materials, in exchange for amphibolites, necessary to day-to-day life of the populations of Estremadura.

The architectonic characteristics of the monument can be related to the abundance and diversity of the collected materials. They both differ from Anta 6 do Couto da Espanhola, at only 1000 m of distance to NE, a small monument without corridor and with a primitive and scarce group of artifacts, with no arrows. These two monuments represents, consequently, two distinct phases of the regional megalithism. However, all the about 60 monuments identified are always underlined on the landscape by the existence of white coloured covers of quartz-blocks, which constitute a regional marked characteristic that covered a long period of time.

A ANTA 2 DO COUTO DA ESPANHOLA (Rosmaninhal, Idanha-a-Nova)¹

João Luís Cardoso², João Carlos Caninas³ e Francisco Henriques⁴

1. Introdução

A anta 2 do Couto da Espanhola situa-se num pequeno cabeço, individualizado na paisagem, com as seguintes coordenadas hectométricas UTM (Fig. 1): PE589042.

Este monumento, distanciado apenas 1000 m para Sudoeste do monumento megalítico mais próximo - a anta 6 do Couto da Espanhola - já explorado e publicado (CARDOSO *et al.*, 1995) encontra-se sublinhado no terreno pela presença de manto de blocos de quartzo leitoso, de pequenas e médias dimensões (escassos ultrapassando os 0,40m de comprimento) que primitivamente cobriam a mamoa de estrutura pétrea, dispersando-se actualmente pela encosta, devido à erosão e acção da gravidade.

Localizado em 1990, no âmbito das actividades da Associação de Estudos do Alto Tejo (HENRIQUES *et al.*, 1993), a exploração deste monumento revestia-se de particular interesse por sugerir características mais complexas do explorado anteriormente e revelar bom estado de conservação. Numa perspectiva de caracterização da evolução da arquitectura megalítica na região, impunha-se a sua investigação, objectivo que se veio a concretizar em Setembro de 1996.

Os trabalhos foram realizados pelos signatários, com o apoio logístico da Associação de Estudos do Alto Tejo e o apoio financeiro do Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico e da Câmara Municipal de Idanha-a-Nova. Apraz-nos registar a autorização e o muito interesse demonstrado pelos trabalhos pelo proprietário do terreno, Sr. Fernando Duarte Galante.

Dirigidos por JLC, participaram os seguintes elementos, além dos signatários: Inês Mendes da Silva, Bernardo Lam Ferreira (desenho de estruturas e de materiais), Jorge Gouveia, Luisa Filipe, Luis Pinguelo, Maria João Feijão, João Paulo Almeida e Marco Lourenço.

¹ Texto publicado em Estudos Pré-Históricos, vol. 5, 1997, Centro de Estudos Pré-históricos da Beira Alta, Viseu, p. 9-28. Separata editada pela Associação de Estudos do Alto Tejo com o apoio do Instituto da Conservação da Natureza.

² Membro da Associação de Estudos do alto Tejo / Núcleo Regional de Investigação Arqueológica, Vila Velha de Ródão. Da Academia Portuguesa da História.

³ Membro da Associação de Estudos do alto Tejo / Núcleo Regional de Investigação Arqueológica, Vila Velha de Ródão.

⁴ Membro da Associação de Estudos do alto Tejo / Núcleo Regional de Investigação Arqueológica, Vila Velha de Ródão.

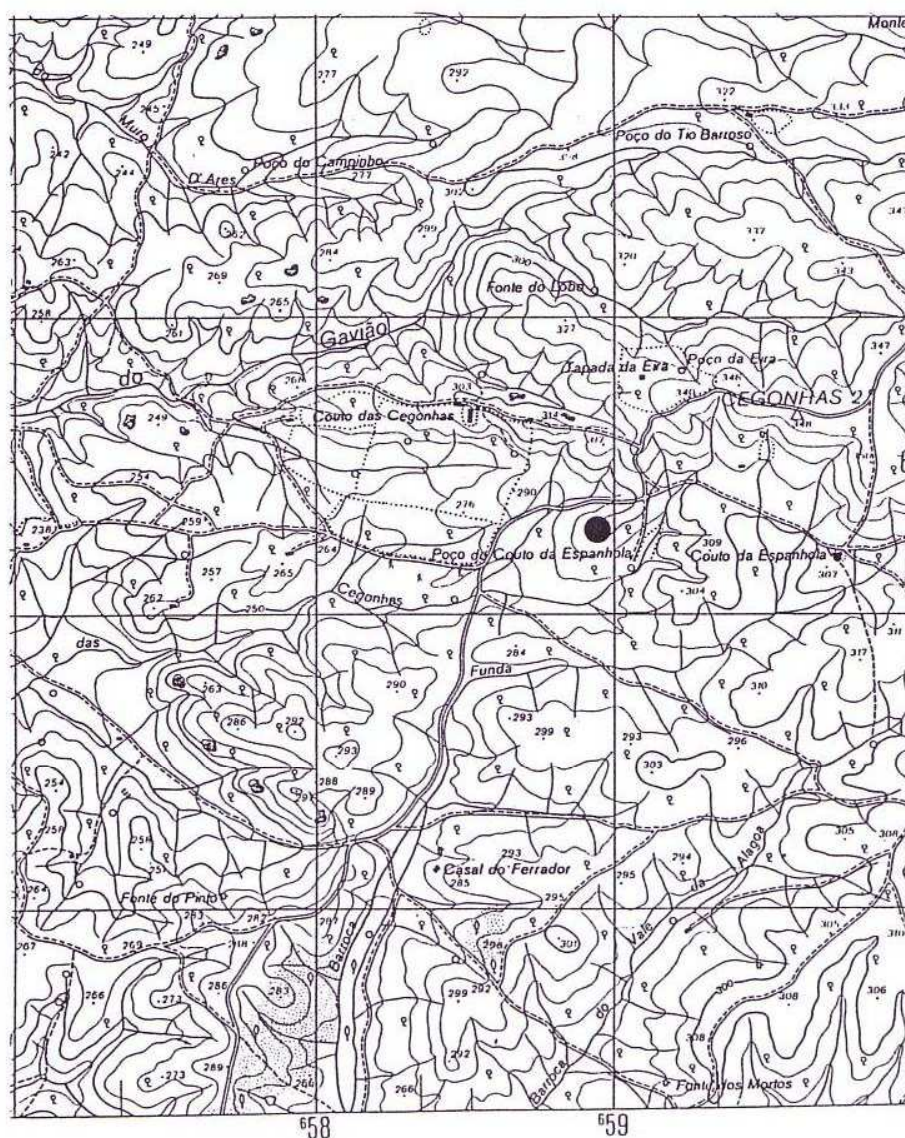


Fig. 1 - Localização do monumento em extracto da Carta Militar de Portugal, folha 294, escala 1: 25000.

2. Integração geo-ambiental

O pequeno cabeço isolado no topo do qual se construiu o monumento é bem visível na paisagem circundante, embora nesta existam áreas de maiores altitudes e extensão. Com efeito, a sua altitude, de 305m, é ultrapassada pela plataforma que se desenvolve para Norte e Nordeste, com cotas superiores a 340m, constituindo o rebordo superior da bacia hidrográfica do Aravil. Deste modo, a elevação em causa constitui contraforte da área planáltica imediatamente adjacente, dominando vasto horizonte limitado pela Serra de Monforte da Beira, do lado ocidental.

Do ponto de vista geológico, enquanto nas encostas do referido relevo planáltico afloram rochas do substrato paleozóico (xistos do complexo xisto-grauváquico ante-Ordovícico), a pequena elevação onde se construiu o monumento corresponde a depósitos detríticos grosseiros (“Arcoses das Beiras”), de idade atribuída ao Miocénico. Tais depósitos desenvolvem-se em bancadas sub-horizontais, nalguns casos constituindo pequenas soleiras na encosta, devido à maior dureza.

O coberto vegetal arbóreo é constituído por azinheiras de distribuição pouco densa, relacionada com o aproveitamento dos terrenos para agricultura cerealífera, já não praticada na actualidade.

Houve, pois, a preocupação de tornar visível o monumento, aliás sublinhada pela cobertura de elementos quartzosos referida.

3. Trabalhos realizados

Os trabalhos iniciaram-se pela limpeza e desmatagem da zona envolvente da câmara do monumento, cuja presença era indicada pelo topo de alguns esteios aflorantes (Fig. 3). Foi estabelecido sistema de quadrícula ortogonal a partir do qual se referenciaram as peças exumadas, tendo-se adoptado como origem do sistema de coordenadas ponto da periferia da mamoa (Fig. 2). As cotas foram obtidas a partir de ponto situado no eixo do corredor, correspondente ao nível de fundação dos esteios adjacentes (Fig. 2).

A escavação começou pela câmara do monumento, que foi integralmente explorada, sucedendo-se sector da mamoa, até ao seu limite externo, marcado por anel de contenção, correspondendo a área rectangular com cerca de 2,5m de largura por 6,0m de comprimento.

Desta forma, foi possível a caracterização da estrutura e técnica construtiva da mamoa no sector onde exhibia melhor estado de conservação. A intervenção terminou com a exploração do corredor do monumento, muito mais longo do que se previa inicialmente, com 7,5m de comprimento. A escavação desenvolveu-se em profundidade por níveis artificiais de 0,10m de espessura, tendo-se registado tridimensionalmente todas as peças do espólio, exceptuando-se as recolhidas nas terras crivadas. Procedeu-se no terreno ao levantamento das estruturas na escala de 1/20, ulteriormente reduzida, bem como ao desenho de dois alçados longitudinais, respectivamente dos lados Nordeste e Sudoeste do conjunto da câmara e corredor (Fig. 3). De referir que todos os materiais exumados foram desenhados, integrando o presente estudo, exceptuando alguns pequenos fragmentos cerâmicos, incaracterísticos (Fig. 4 a Fig. 13).

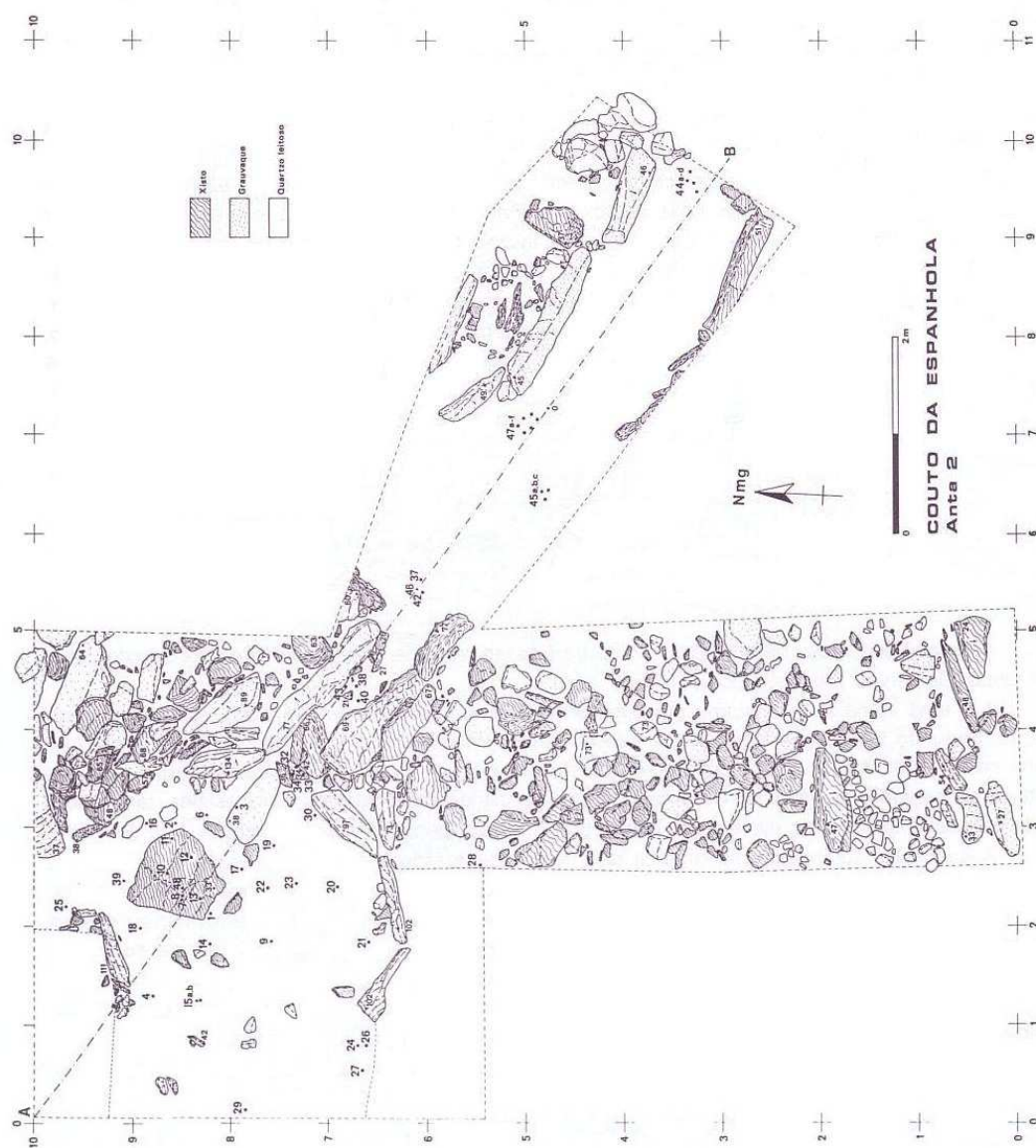
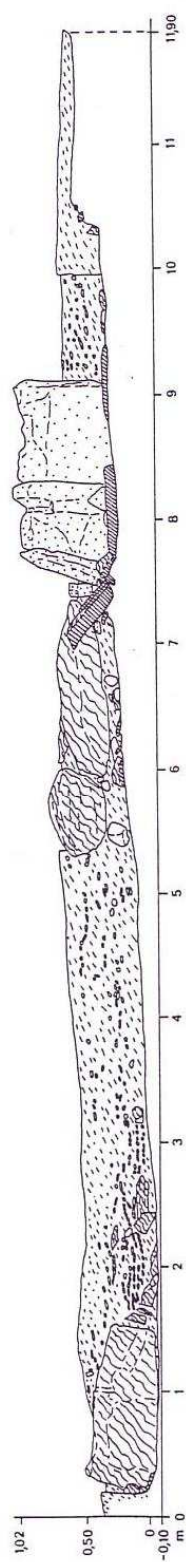


Fig. 2 - Planta do monumento no final da escavação, com localização do espólio recolhido.

COUTO DA ESPANHOLA - ANTA 2

Alçado do Corte B - A



Alçado do Corte A - B

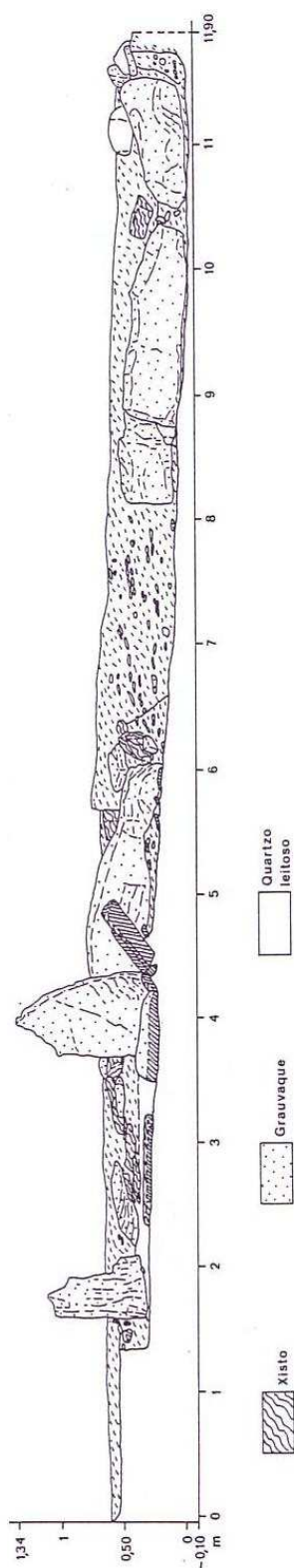


Fig. 3 - Corte longitudinal no final da escavação e respectivos alçados, observados de Sudoeste (AB) e de Nordeste (BA).

4. Resultados obtidos

4.1. Arquitectura do monumento

A escavação parcial da anta 2 do Couto da Espanhola evidenciou monumento constituído pelos seguintes elementos arquitectónicos:

1 - uma câmara de contorno sub-circular presentemente conservando cinco esteios de grauvaque. Segundo informação local, outros esteios teriam sido arrancados, há cerca de dez anos; nalguns casos ainda foi possível identificar à superfície a depressão correspondente. A disposição dos esteios conservados permite admitir uma câmara originalmente definida por nove esteios, talvez com o da cabeceira de maiores dimensões, porém pouco altos; apenas o maior ultrapassa 1 m de altura.

A pequena altura deste monumento não destoa da realidade observada na generalidade dos monumentos megalíticos da região. Tal situação pode explicar-se por limitações inerentes à matéria-prima disponível. Com efeito, os afloramentos de xistos e grauvaques jamais proporcionariam esteios de grandes dimensões, facto que explica também a ausência generalizada de lajes de cobertura. Estas, exigiriam tamanhos impossíveis de satisfazer com os recursos geológicos disponíveis na região, pelo menos com comprimentos de 3,0m, valores correspondentes ao diâmetro da câmara deste monumento, cerca do dobro do comprimento do mais longo dos esteios ali identificados.

Pelo que ficou dito, é provável que a cobertura da câmara fosse assegurada por estrutura perecível, que não se conservou. Já F. Tavares de PROENÇA JÚNIOR (1910) se referiu à ausência de chapéus em dólmenes da Beira Baixa, avançando a mesma explicação;

2 - um corredor estreito e alongado, alargando progressivamente para a entrada, situada na intersecção com a coroa exterior de blocos que limitam a mamoa. A largura interior do corredor nesta zona, de cerca de 1,5m, diminui para cerca de 0,60m na passagem para a câmara.

O corredor é definido por esteios de xisto, do lado de Sudeste e de grauvaque, do lado de Nordeste, dispostos ao baixo, o que contribui para a ainda menor altura deste sector do monumento face à da câmara; a altura máxima dos esteios conservados no corredor não ultrapassa 0,50m o que, conjugado com o seu significativo comprimento (7,5m), tornava pouco provável a sua utilização para aceder à câmara.

É lícito, pois, admitir que esta fosse atingida directamente pela remoção da cobertura. A ser assim, o corredor neste monumento cumpriria apenas função simbólica, sendo porém utilizado como espaço funerário secundário, como foi comprovado, ao qual se acederia de forma idêntica à da câmara. A função do corredor como espaço funerário parece confirmar-se no facto de se apresentar intencionalmente fechado em ambas extremidades: no limite da mamoa, por espesso enrocamento de grandes e médios blocos de quartzo leitoso; na passagem para a câmara, por esteio posto ao alto, o qual acabaria por tombar para o interior do corredor devido à pressão exercida lateralmente pelos longos esteios deste, como as Figs 2 e 3 bem ilustram.

A cobertura do corredor seria, tal como a da câmara, em materiais perecíveis, a menos que recorresse a pequenas lajes de xisto ou de grauvaque, dispostas transversalmente, das quais,

porém, nenhuma se conservou. Não se poderá dar demasiada importância à referida ausência, atendendo à má conservação desta parte do monumento, talvez devido aos trabalhos agrícolas.

Seja como for, o espaço interior do corredor foi progressivamente preenchido com terras soltas e finas, oriundas da lavagem da mamoa pela água corrente, ao ponto de, à superfície, não se evidenciar a sua existência. A fina estratificação observada no perfil do referido enchimento, indica tal fenómeno: os materiais argilo-terrosos encontram-se inter-estratificados com elementos detríticos mais grosseiros, constituídos por pequenos blocos de xisto e de grauvaque, dispostos em leitos sub-horizontais, correspondentes, talvez, a períodos de erosão mais intensa, com acarreios de elementos mais grosseiros para o interior do corredor, então ainda parcialmente desobstruído (Fig. 3).

3 - uma mamoa constituída por blocos angulosos de xisto, grauvaque e quartzo (por esta ordem de frequência) engrenados uns nos outros e formando montículo melhor conservado nos dois quadrantes meridionais.

Desconhece-se a estrutura em profundidade desta acumulação, visto não se ter procedido a corte susceptível de a evidenciar. Porém, crê-se que o enrocamento poderia assentar sobre depósito terroso, visto os dois cortes realizados na zona do corredor (Fig. 3) não terem evidenciado a presença de tais blocos em profundidade. Esta conclusão é especialmente sugerida pelo corte do lado Norte que ultrapassa o limite definido pelos esteios do corredor atingindo a mamoa propriamente dita ou o que resta dela.

O diâmetro primitivo da mamoa seria próximo de 15 metros (Fig. 2), encontrando-se sublinhado por anel de contenção constituído por blocos de maiores dimensões, de quartzo e de xisto, colocados estes últimos de cutelo. Estas dimensões são compatíveis com o comprimento do corredor. Como já se disse, e à semelhança de outros monumentos da região, é nítida a concentração de blocos de quartzo leitoso à superfície da mamoa, sublinhando a visibilidade do monumento, já de si implantado numa elevação isolada.

De salientar que todos os elementos pétreos que integram a câmara, o corredor e mesmo a cobertura tumular foram transportados para o local, visto este corresponder a afloramentos arcósicos mais ou menos grosseiros.

Ainda que de origem exógena ao local, todos estes elementos foram susceptíveis de se obter a escassas dezenas de metros, designadamente na encosta fronteira do lado Norte.

4.2. Rituais funerários e espólios recolhidos

4.2.1. Câmara

O elemento mais expressivo que se pode relacionar directamente com prática funerária corresponde a uma delgada laje de ardósia disposta horizontalmente no chão da câmara, ocupando parte da metade norte da mesma, de forma aproximadamente trapezoidal e com cerca de um metro de comprimento (Fig. 2 e, especialmente, Est. II, em cima).

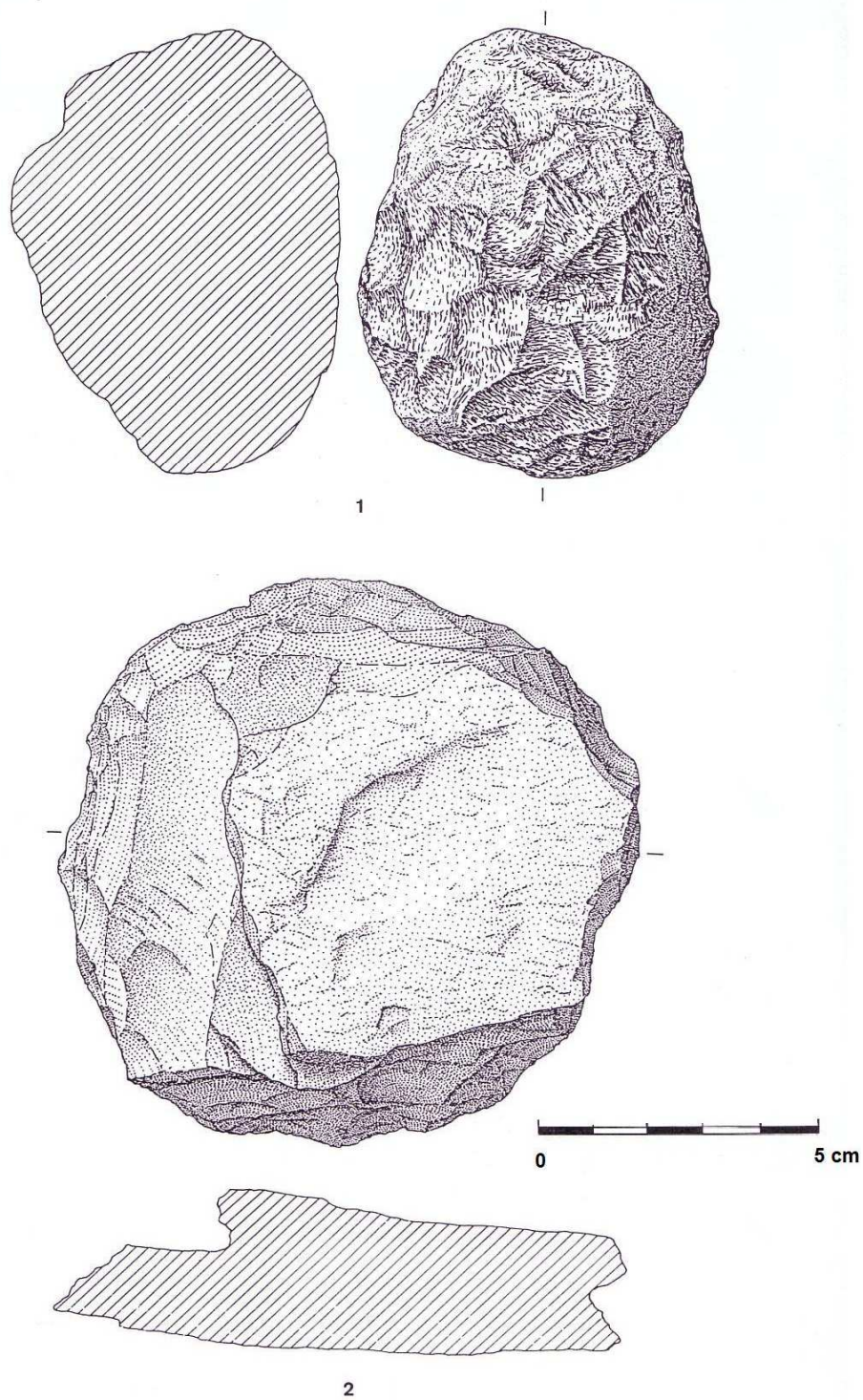


Fig. 4 - Espólio recolhido durante os trabalhos: percutor (1), disco (2).

É crível que sobre esta superfície se tenha depositado cadáver acompanhado de diversos artefactos que ali se conservaram. Seguindo a ordem no inventário do espólio recolhido são os seguintes:

nº 7, ponta de seta de base e bordos convexos, em sílex castanho claro translúcido [Fig. 10.10];

nº 8, pequena ponta de seta de bordos serrilhados e base convexa, espessa, em sílex esbranquiçado [Fig. 10.13];

nº 10, machado estreito e alongado, polido apenas no gume e até à zona média de ambas as faces laterais, de secção aproximadamente rectangular, em anfiboloxisto [Fig. 5.1];

nº 11, geométrico de base plana e truncatura côncava alongada, aproximando-se de trapézio rectângulo ("trapézio de Martinet"), em sílex esbranquiçado [Fig. 9.6];

nº 12, grande lâmina de bordos não retocados, apenas com prováveis indícios de utilização, incompleta na extremidade distal, em sílex castanho avermelhado [Fig. 9.1];

nº 13, ponta de seta de base pedunculada espessa e de bordos convexos, em sílex castanho amarelado [Fig. 10.9].

Na adjacência imediata desta laje dispunham-se os seguintes objectos:

nº 1, machado de secção quase circular, apenas polido na zona do gume e até à zona média, de anfiboloxisto [Fig. 6.1];

nº 2, lasca de contorno irregular com retoques marginais contínuos ao longo dos bordos maiores, em sílex cinzento anegrado [Fig. 9.5];

nº 6, percutor globuloso de quartzo, com sinais de utilização em parte da periferia [Fig. 4.1];

nº 14, ponta de seta de base bicôncava e bordos rectilíneos, em sílex acastanhado [Fig. 10.3];

nº 16, polidor-brunidor executado em seixo rolado de quartzito [Fig. 5.2];

nº 17, ponta de seta alongada de bordos aproximadamente rectilíneos e de base côncava, em sílex castanho rosado [Fig. 10.23];

nº 18, ponta de seta muito estreita e alongada, incompleta na extremidade distal, finamente retocada na totalidade de ambas as faces, de base profundamente côncava e de bordos laterais aproximadamente rectilíneos, em sílex castanho claro [Fig. 10.24];

nº 39, ponta de seta larga e curta com finos retoques marginais obtidos de ambas as faces afeiçoando bordos convexos e serrilhados, com base marcadamente convexa, em sílex amarelado [Fig. 10.15].

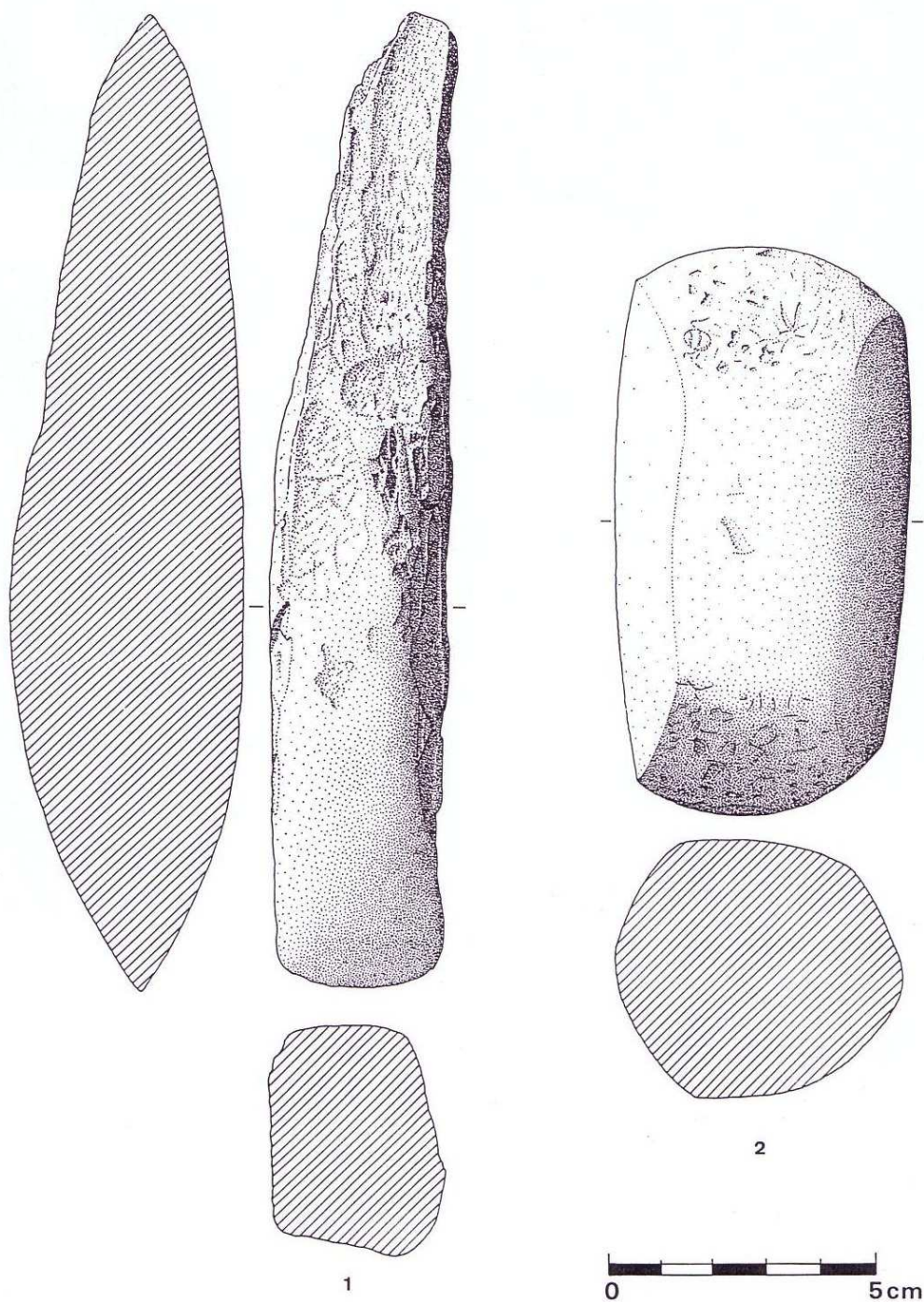


Fig. 5 - Espólio recolhido durante os trabalhos: machado (1), polidor-brunidor (2).

O conjunto descrito, do qual a cerâmica se encontra totalmente ausente, é compatível com uma tumulação caracterizada pela heterogeneidade tipológica das pontas de seta bem como dos dois artefactos polidos a ela associados. Integrava ainda dois instrumentos do quotidiano de finalidade evidente: um percutor e um brunidor-polidor, os quais, não obstante, se afiguram escassos em contextos funerários.

A este mesmo conjunto funerário se poderá estender a parte restante do espólio recolhido na câmara, visto que evidencia características complementares com o já mencionado. Esse espólio é constituído por:

nº 9, pequena enxada de secção rectangular apenas polida na adjacência do gume, em ambas as faces, talhada sobre uma lasca de anfiboloxisto [Fig. 6.2];

nº 15a, ponta de seta de base triangular, larga e pouco alongada, de bordos quase rectilíneos, em sílex branco [Fig. 10.8];

nº 15b, conta toneliforme, com perfuração bicôncava, em mineral verde [Fig. 11.2];

nº 19, grande conta discóide com perfuração descentrada e secção bicónica, em mineral verde [Fig. 11.1];

nº 20, pequeno núcleo de lamelas de quartzo semi-hialino, conservando parcialmente as faces de cristalização [Fig. 9.8];

nº 21, pequeno fragmento de cerâmica de características indefinidas;

nº 22, ponta de seta de base triangular e bordos aproximadamente rectilíneos, em sílex esbranquiçado [Fig. 10.6];

nº 24, pequeno disco com perfuração central, em xisto [Fig. 11.4];

nº 25, fragmentos de cerâmica incaracterísticos;

nº 26, pequeno trapézio muito irregular, de base côncava, aproximando-se da forma de Tévéc, de quartzo leitoso [Fig. 9.4];

nº 27, fragmento de cerâmica incaracterístico;

nº 29, ponta de seta de base bicôncava e bordos laterais rectilíneos, de sílex acastanhado [Fig. 10.1];

nº 30, grande disco de xisto de bordos abruptos obtidos por lascamentos sub-verticais imbricados [Fig. 4.2];

nº 32, lamela de secção triangular, de sílex anegado a amarelado [Fig. 9.9];

nº 33, pequena ponta de seta de base fortemente convexa e bordos quase rectilíneos, de quartzo leitoso [Fig. 10.14];

nº 34, porção distal de grande lâmina não retocada nos bordos laterais, com extremidade afeiçãoada em raspadeira ("grattoir en-bout-de-lame"); peça muito idêntica a uma anteriormente descrita (nº 12), em sílex castanho anegrado [Fig. 9.2].

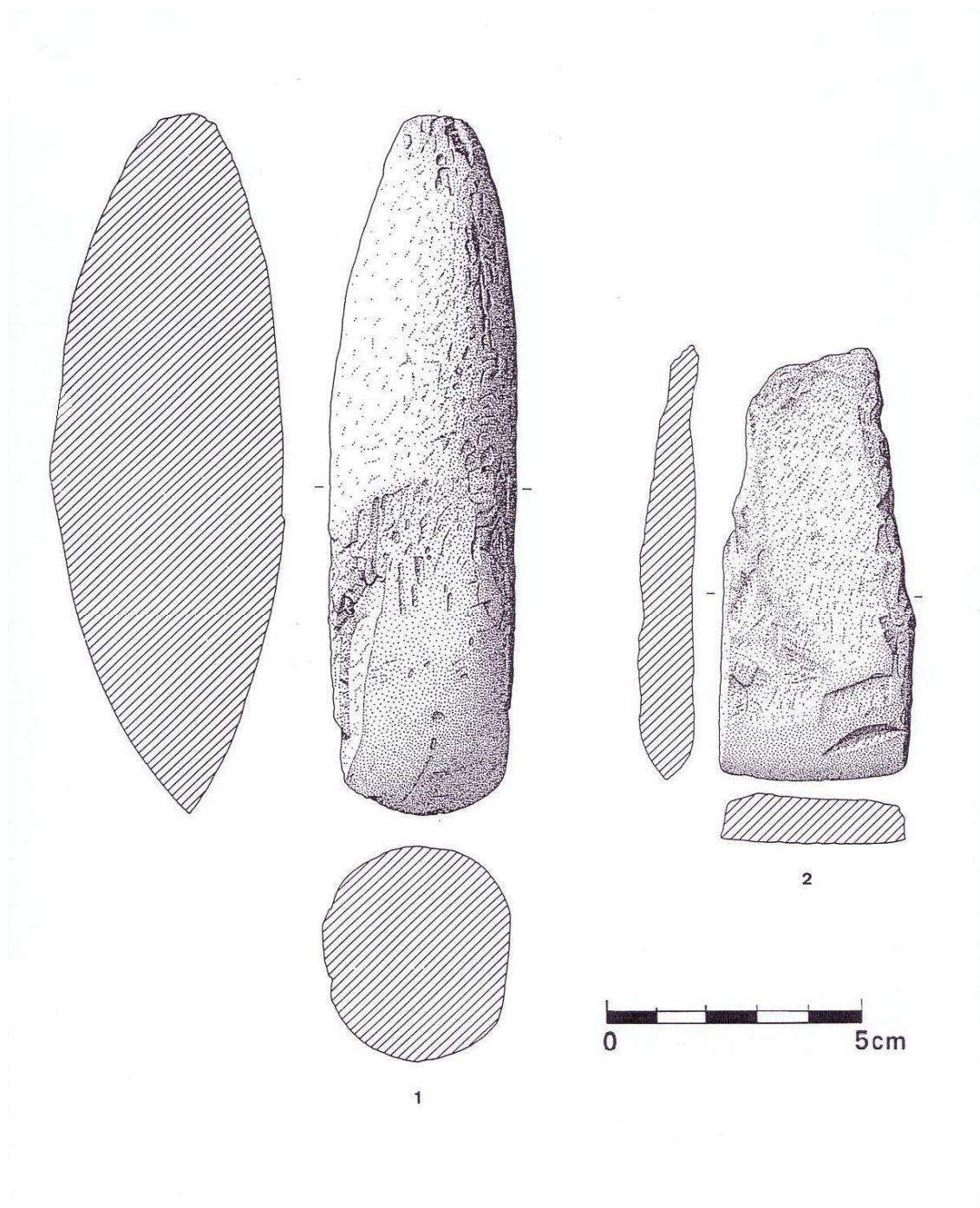


Fig. 6 - Espólio recolhido durante os trabalhos: machado (1), enxó (2).

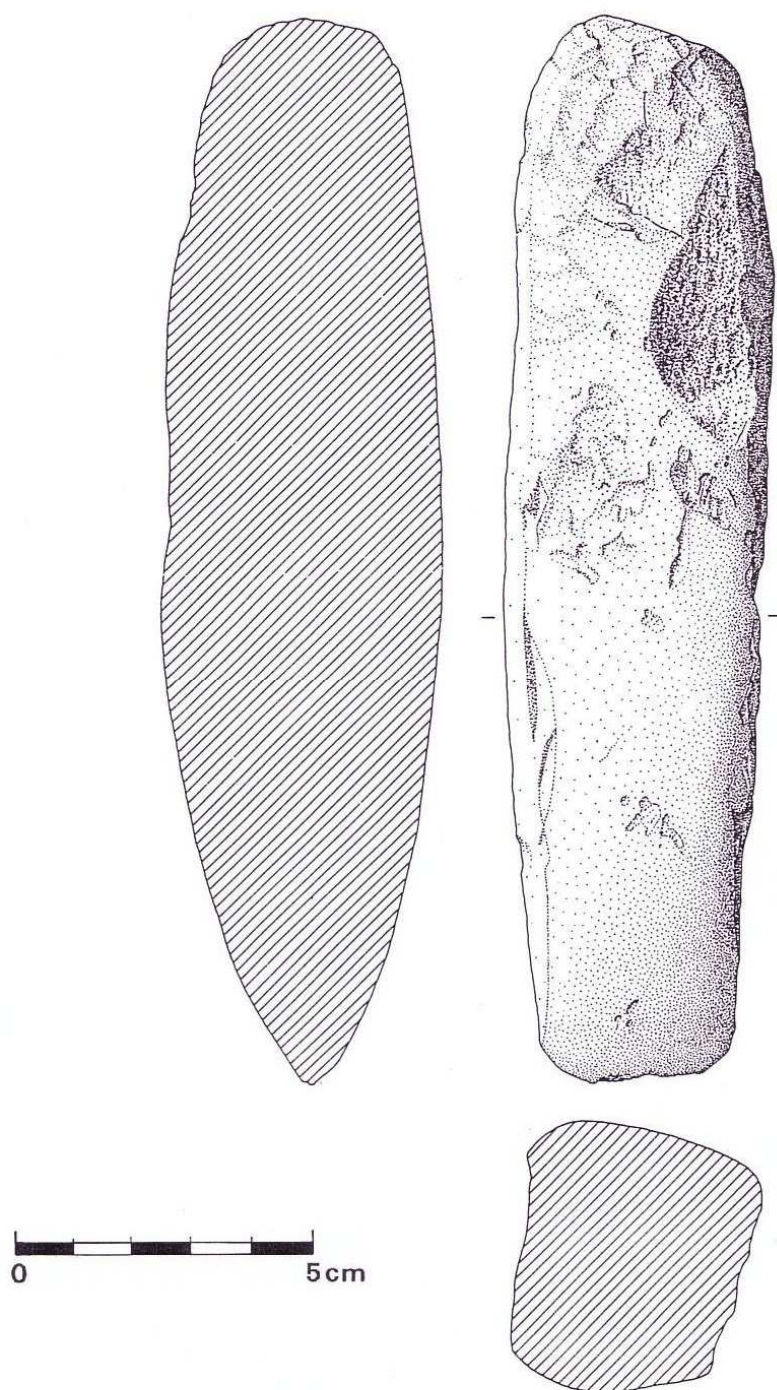


Fig. 7 - Espólio recolhido durante os trabalhos: machado.

Este segundo grupo integra elementos cuja tipologia completa a dos anteriormente descritos, designadamente ao nível das indústrias microlíticas, com inclusão de peça nuclear e de geométicos diversos, de enxó e de elementos cerâmicos, além de objectos de adorno, os quais parecem integrar conjunto único e coerente.

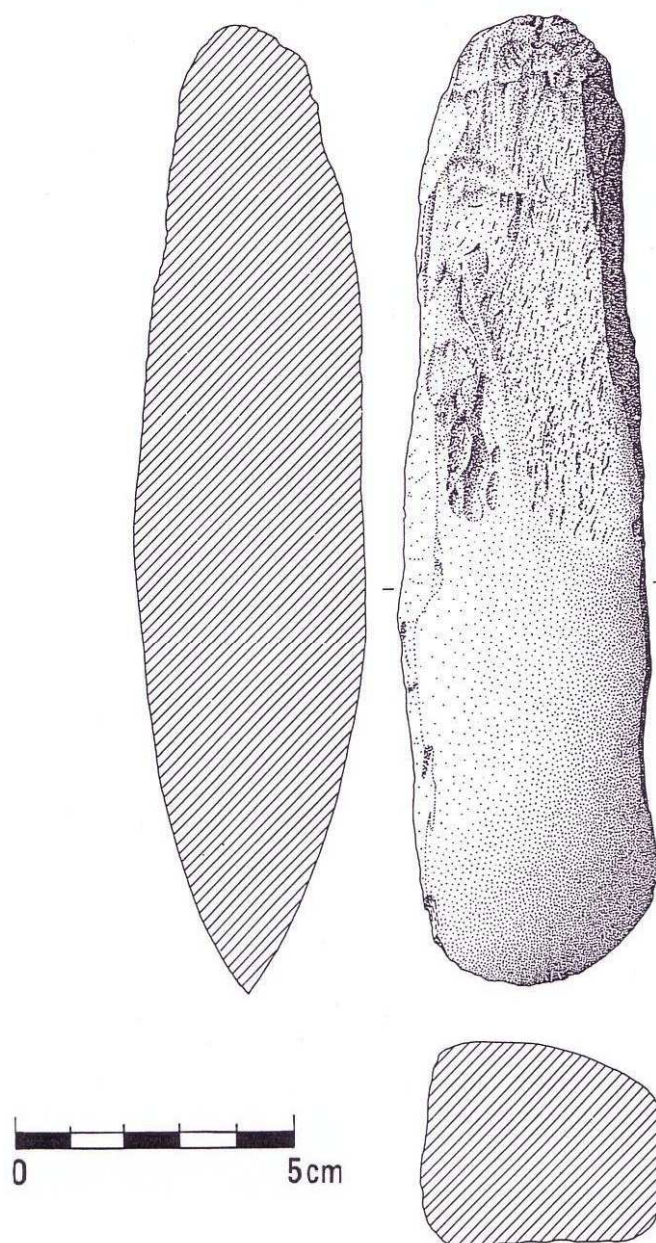


Fig. 8 - Espólio recolhido durante os trabalhos: machado.

As diferentes profundidades no interior da câmara a que apareceram os artefactos descritos, bem como a sua actual posição em planta, pode em parte ter sido influenciada por remeximentos recentes que aquela sofreu, designadamente através do arranque de alguns dos seus esteios.

Ainda na câmara, na camada superficial, recolheram-se duas peças cerâmicas: uma taça carenada (nº 4, Fig. 13.1) e um vaso de colo alto (nº 3, Fig. 13.2) cuja tipologia indica claramente a Idade do Bronze. Teriam sido estes os últimos materiais que o monumento recebeu - aliás em consonância com a profundidade de recolha - correspondente eventualmente a tumulação.

Sob a laje de ardósia antes referida encontrou-se uma pequena ponta de seta (nº 48, Fig. 10.20) de base recta e bordos serrilhados, em sílex castanho acinzentado, cuja presença dificilmente se relacionará com deposição anterior àquela a que supostamente corresponde o restante espólio da câmara.

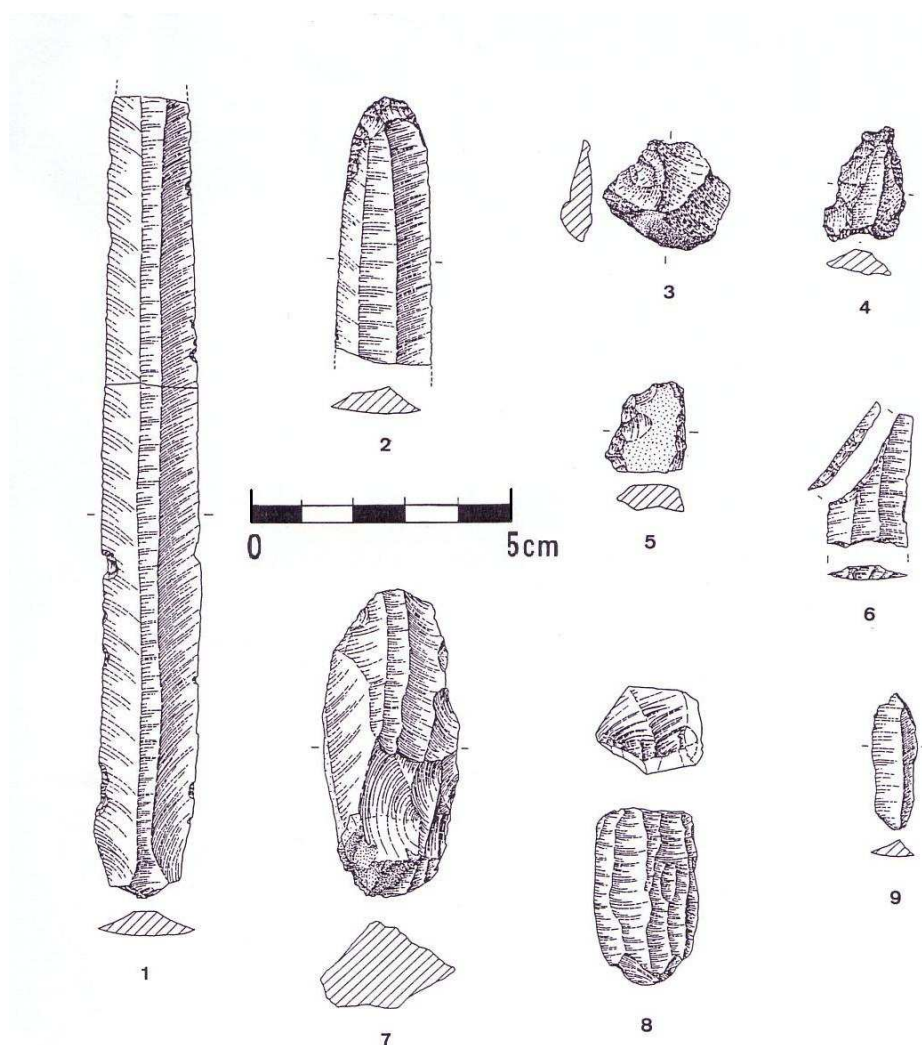


Fig. 9 - Espólio recolhido durante os trabalhos: lâminas (1 e 2), trapézios (4 e 6), denticulado (5), núcleos de lamelas (7 e 8), lamela (9).

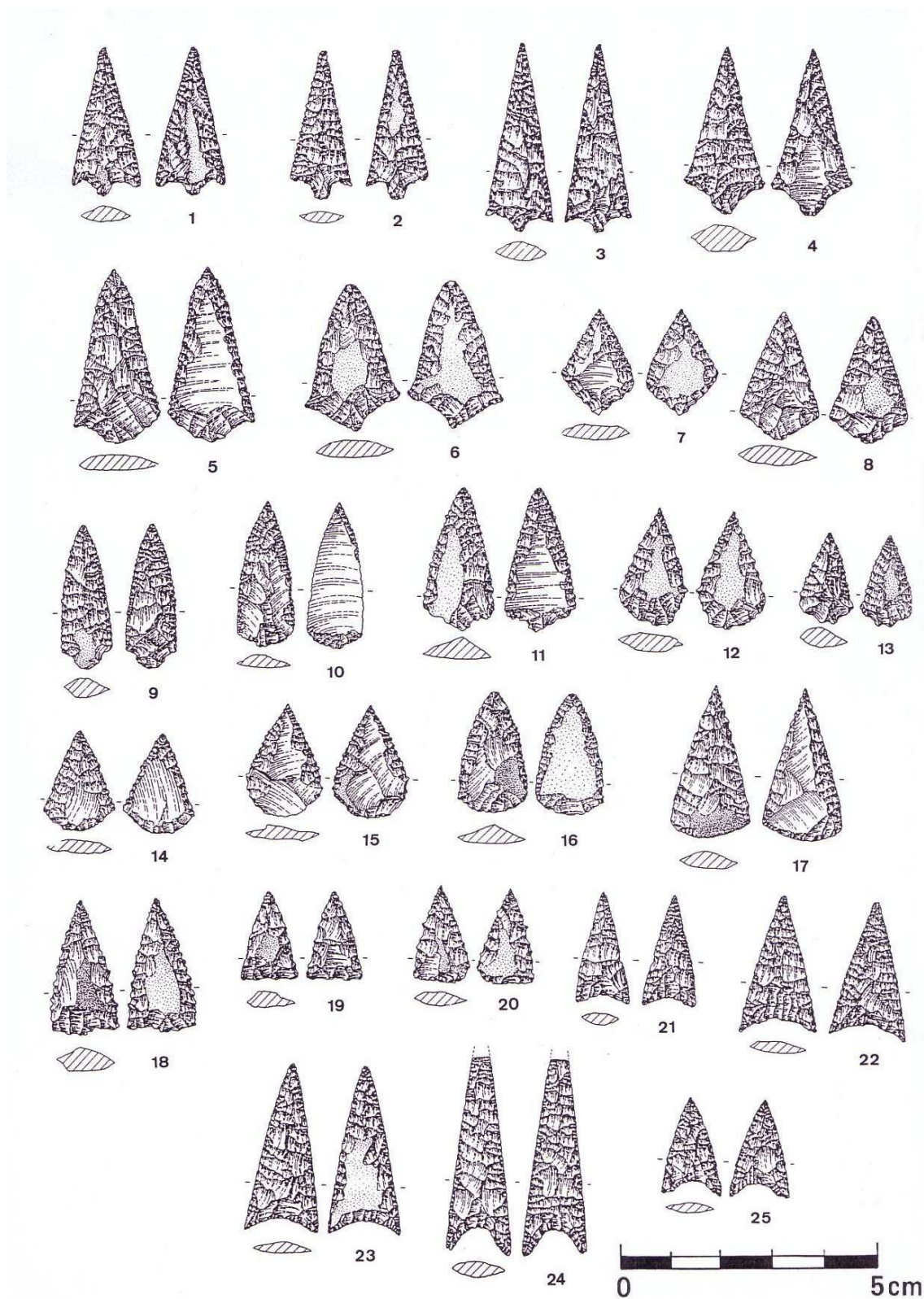


Fig. 10 - Espólio recolhido durante os trabalhos: pontas de seta.

4.2.2. Corredor

No corredor parecem evidenciar-se três conjuntos de artefactos:

- o primeiro é constituído por quatro pontas de seta e diversos fragmentos de cerâmica incaracterísticos; dificilmente corresponderá a uma tumulação, constituindo provavelmente pequeno depósito votivo colocado à entrada do monumento;
- o segundo situa-se na parte média do corredor; integram-no seis pontas de seta, fragmento de placa de xisto com decoração geométrica muito irregular e diversos fragmentos de cerâmica, entre os quais pequena taça lisa em calote;

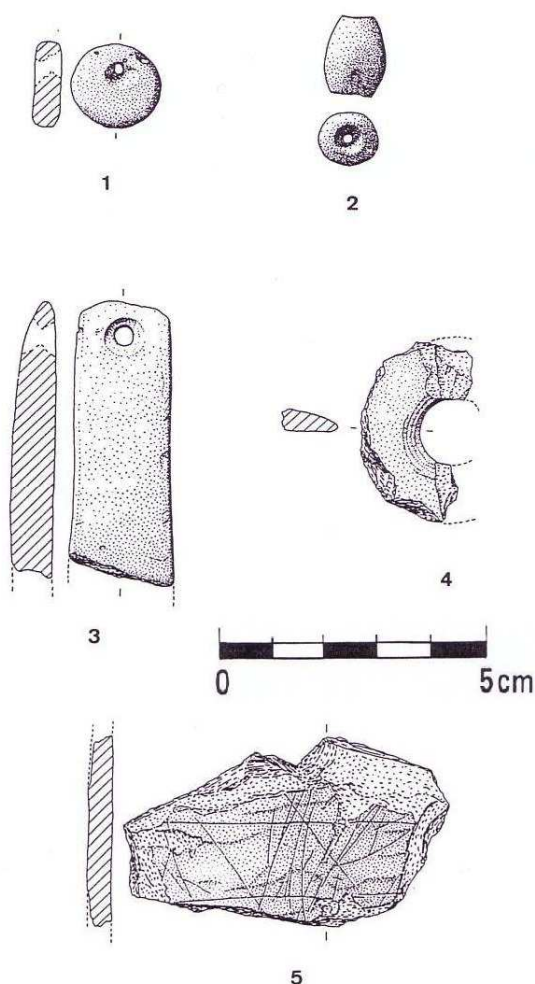


Fig. 11 - Espólio recolhido durante os trabalhos: conta discóide verde (1), conta toneliforme verde (2), braçal de arqueiro (3), pequeno disco com perfuração central (4), fragmento de placa de xisto gravada (5).

- o terceiro conjunto provém da parte terminal do corredor junto à passagem para a câmara; integram-no três pontas de seta, dois machados e diversos fragmentos de cerâmica com destaque para fragmento de taça carenada.

O segundo e terceiro conjuntos poderão integrar um segundo enterramento efectuado no corredor. Considerando a proximidade das duas peças mais volumosas e portanto menos susceptíveis de remobilização (trata-se dos machados nº 42 e nº 46) é admissível que tal enterramento se tenha centrado nessa zona, dispersando-se as peças de menores dimensões em direcção à entrada do corredor devido às perturbações que o arranque dos esteios por certo provocaram nessa zona.

Outra hipótese seria a de considerarmos o conjunto intermédio como representando uma tumulação independente, muito prejudicada por violação, evidente naquela zona do corredor. Assim se explicaria a ausência de peças de maiores dimensões como os machados, naturalmente mais fáceis de identificar e de recolher pelos seus autores.

A este propósito deve mencionar-se a existência de cerâmicas romanas e de fragmentos de mó rotativa detectados na área escavada da mamoa que poderão relacionar-se com a situação referida.

As características de cada um dos conjuntos artefactuais descritos, ordenados da parte proximal para a parte distal do corredor, são os seguintes (ver respectiva localização na Fig. 2):

Primeiro conjunto:

Peças nº 44a a 44c, quatro pontas de seta, todas de tipologias diferentes, uma [Fig. 10.2], de sílex castanho com tonalidades amarelo e rosa, possui base bicôncava formando pedúnculo central, outra [Fig. 10.7], de sílex branco, apresenta-a triangular; a terceira [Fig. 10.17], de sílex cinzento esbranquiçado, é de base convexa e a última [Fig. 10.21], de sílex esbranquiçado a rosado, é de base côncava. Tal diversidade evidencia bem a falta de incidência cronológica da tipologia de tais peças, conclusão que corrobora outras de teor idêntico (UERPMANN, 1995). Quanto às matérias-primas, é também assinalável a variedade dos tipos litológicos. Ocorrem ainda pequenos fragmentos cerâmicos incaracterísticos.

Segundo conjunto:

Peças nº 45a a 45c: três pontas de seta igualmente de tipos diferentes, uma [Fig. 10.4], espessa, de base bicôncava, de sílex castanho avermelhado; outra [Fig. 10.12], de base convexa serrilhada, de sílex castanho esbranquiçado; a terceira [Fig. 10.18] de base aproximadamente rectilínea, é de sílex acastanhado. Tais observações confirmam as anteriores. As matérias-primas são igualmente diversificadas, ocorrendo também pequenos fragmentos cerâmicos indeterminados;

Peças nº 47a a 47f: três pontas de seta, das quais uma de base convexa [Fig. 10.5], de sílex castanho acinzentado, outra de base aproximadamente triangular [Fig. 10.11], de sílex castanho amarelado, sendo a última de base côncava [Fig. 10.22], de sílex castanho avermelhado. Este conjunto integra ainda fragmentos de taça em calote [Fig. 12.1], para além de outros fragmentos incaracterísticos. De salientar a presença de fragmento de placa de xisto com decoração geométrica esgrafitada talvez correspondente a esboço [Fig. 11.5].

Terceiro conjunto:

Peças nº 38, 40, 43: três pontas de seta, das quais uma de base convexa [Fig. 10.16], de sílex acastanhado, e duas outras de menores dimensões, uma de base côncava [Fig. 10.25], de sílex castanho amarelado, e outra de base recta [Fig. 10.19], de sílex anegrado;

Peças nº 42, 46 [Fig. 7 e Fig. 8]: dois machados de pedra polida de anfiboloxisto, afeiçoados por polimento apenas nos gumes atingindo, no máximo, a parte média de ambas as faces. Encontravam-se muito perto um do outro, sugerindo deposição simultânea. São maciços de secção aproximadamente rectangular e, tal como os artefactos de pedra polida recolhidos na câmara, não ostentam sinais de uso.

O espólio cerâmico está representado por fragmento de taça carenada (Fig. 12.2), além de outros, de menores dimensões e inclassificáveis.

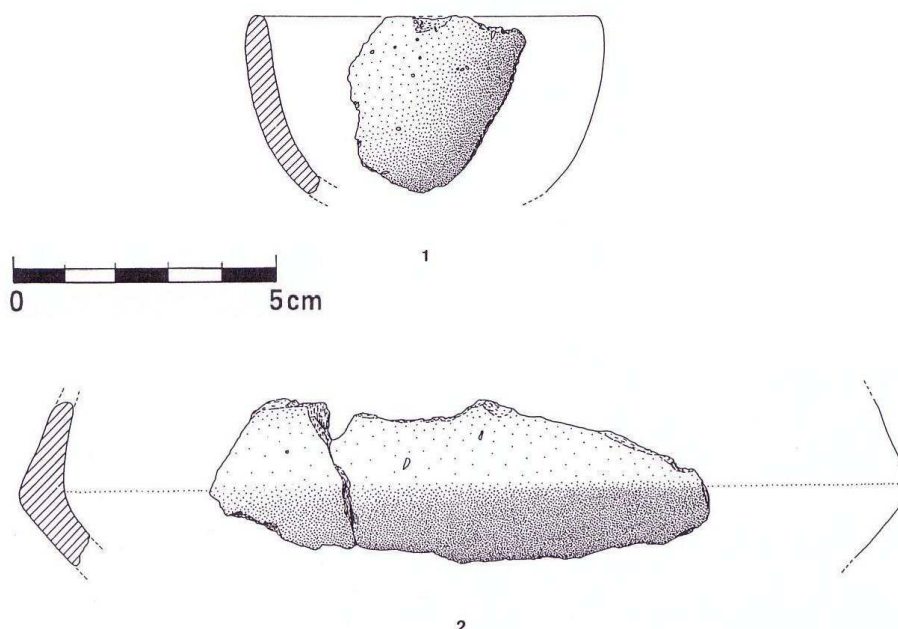


Fig.12 - Espólio recolhido durante os trabalhos: fragmento de taça em calote (1), fragmento de taça carenada (2).

4.2.3. Mamoa

É provável a reutilização do monumento na época campaniforme, representada por provável braçal de arqueiro incompleto (nº 28, Fig. 11.3), de xisto, com perfuração bicônica numa das extremidades, recolhido na mamoa. Com efeito, a sua tipologia é compatível com este grupo de peças, tão características do chamado "pacote" campaniforme. Aliás, a presença campaniforme na região foi recentemente documentada no povoado de altura de Monte Trigo (VILAÇA & CRISTOVÃO 1995).

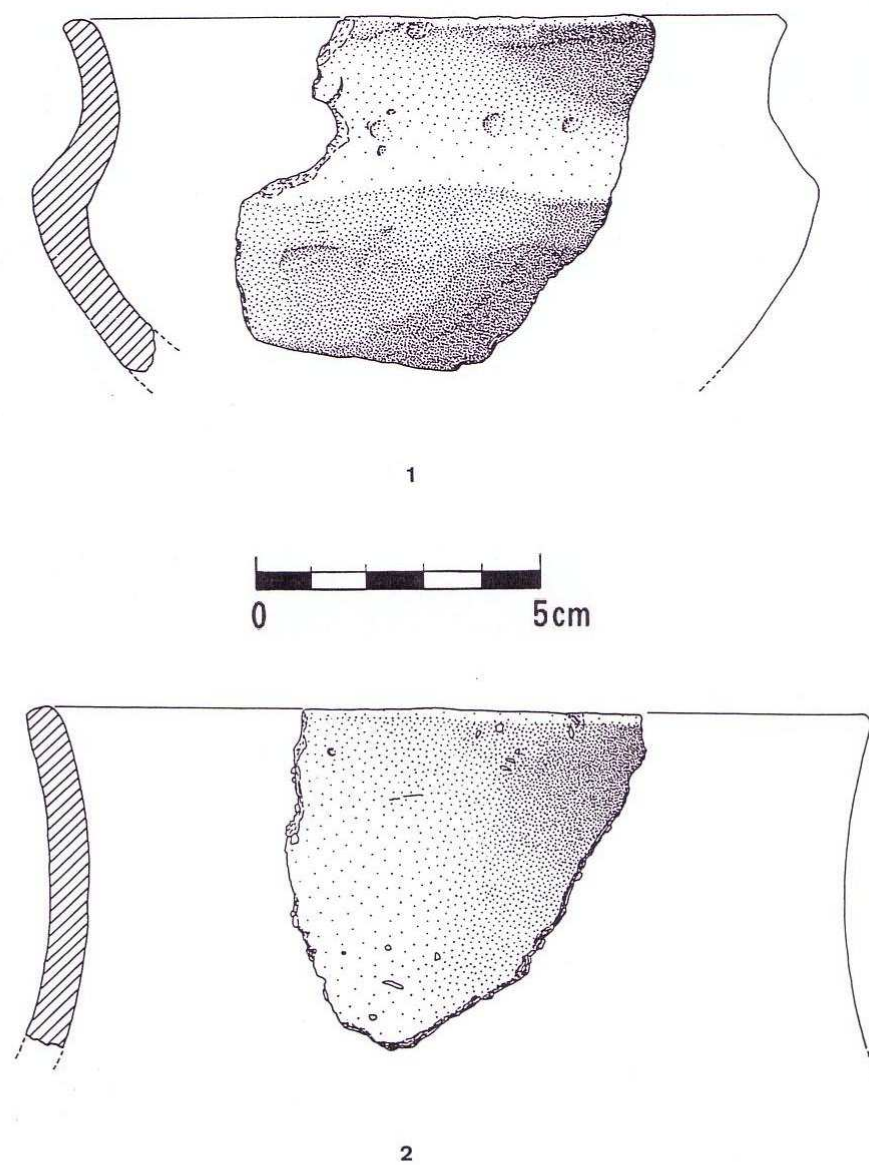


Fig. 13 - Espólio arqueológico recolhido durante os trabalhos: fragmento de taça carenada (1), fragmento de vaso de colo alto (2).

5. Integração cronológico-cultural e conclusões

Este monumento conservou vestígios de ter albergado dois (ou três) cadáveres, o primeiro depositado na câmara, o segundo (e o terceiro) na parte do corredor mais próximo daquela, cada um deles acompanhado de artefactos de uso comum.

É interessante salientar algumas diferenças nos respectivos espólios. Na câmara, recolheram-se indústrias microlíticas e objectos de adorno que não ocorrem no corredor, onde apenas se identificaram pontas de seta entre o material de pedra lascada.

Por outro lado, é do corredor que provêm os dois únicos fragmentos cerâmicos tipologicamente definidos - uma pequena taça em calote e uma taça carenada - contrastando com a situação observada na câmara onde, apenas se recolheram pequeníssimos fragmentos cerâmicos, alguns deles fortemente erodidos.

Tal facto sugere a existência de prática ritual, segundo a qual terras das áreas habitacionais eram intencionalmente transportadas para o recinto funerário, à semelhança do verificado, em outras épocas e regiões do país, como nas necrópoles de cistas do Bronze do Sudoeste (GOMES 1994) ou no monumento proto-megalítico do Marco Branco (SILVA & SOARES 1983), onde também se identificaram fragmentos cerâmicos muito erodidos que sugerem aquela prática ritual.

Pelo que se disse anteriormente, pode admitir-se que as duas (ou três) prováveis tumulações efectuadas na Anta 2 do Couto da Espanhola se teriam realizado em dois momentos, culturalmente pouco distintos, integrados no Neolítico Final-Calcolítico da região.

O momento mais antigo encontra-se representado pelo espólio da câmara onde, na tradição anteriormente verificada na região (CARDOSO *et al.*, 1995), não ocorrem recipientes cerâmicos. Com efeito, estes apenas surgem no corredor, ainda que em número muito escasso, estando presente a taça carenada, uma das formas características do Neolítico Final da Estremadura, embora nos povoados e monumentos megalíticos do Alto Alentejo se tenha prolongado aparentemente pelo Calcolítico.

Tal indefinição sobre a atribuição cultural da construção/ocupação do monumento, não pode de momento ser ultrapassada, ainda que a arquitectura do monumento, caracterizada por câmara poligonal e longo corredor, se integre em tipologia evoluída, tanto quanto se pode concluir daquilo que se sabe acerca do megalitismo regional.

A abundância e diversidade do espólio lítico - especialmente o de pedra lascada - recolhido neste monumento, contrasta significativamente com a pobreza do exumado na Anta 6 do Couto da Espanhola, a escassas centenas de metros para oriente, monumento que pelas características indica fase precoce do megalitismo regional (CARDOSO *et al.*, 1995).

A exuberante variedade das pontas de seta deixa transparecer a existência de comércio transregional destes objectos. Assim sendo, as cinco pontas de seta de base côncava, com acabamento mais perfeito que a globalidade das restantes, teriam origem diferente daquelas.

O conjunto das vinte e cinco pontas de seta recuperadas neste monumento afigura-se em tudo semelhante a um qualquer conjunto proveniente de sepulcro estremenho. Veja-se como

exemplo o recentemente publicado das Grutas da Senhora da Luz, Rio Maior (CARDOSO *et al.*, 1996).

Em contrapartida, os machados de ambas regiões são claramente diferentes. Enquanto na Beira Interior dominam machados cuneiformes, volumosos e alongados, de secção quadrangular e mal polidos, na Estremadura, os machados de anfibolito apresentam-se mais achatados, de gumes mais desenvolvidos e em geral com melhor acabamento. Tais factos reforçam assim a hipótese de corresponderem as pontas de seta a verdadeiras importações, ao contrário dos machados que, ao revelarem formas regionais específicas, traduzem o aproveitamento directo de matéria-prima localmente disponível.

Sob este aspecto, é fácil entrever entre a região estremenha e a Beira Interior a existência de trocas comerciais, veiculadas pela importante via de comunicação constituída pelo Tejo e os seus afluentes, consubstanciadas pela permuta do sílex, particularmente abundante na primeira daquelas regiões, por anfibolitos, frequentes nesta última.

Trata-se, afinal, de processo económico idêntico ao que, na mesma época, teria caracterizado as relações mantidas entre a Estremadura e o Alto Alentejo, outra área geográfica susceptível de fornecer à primeira rochas duras de tipo anfibolítico em troca de sílex, manufacturado ou em bruto.

As duas fases mais tardias culturalmente, representadas no monumento, sugerem a provável manutenção do seu estatuto funerário: trata-se de fragmento de peça atribuível a braçal de arqueiro de época campaniforme e de dois fragmentos de cerâmica da Idade do Bronze; corresponderiam a inumações individuais efectuadas na câmara ou na mamoa do monumento, que ainda conservaria a carga simbólica inerente à sua anterior utilização.

Bibliografia

CARDOSO, João Luis, CANINAS, João Carlos e HENRIQUES, Francisco, 1995, **A Anta 6 do Couto da Espanhola (Rosmaninhal, Idanha-a-Nova)**, *Estudos Pré-Históricos*, 3, p. 19-37, Viseu.

CARDOSO, João Luis, FERREIRA, O. da Veiga, CARREIRA, J. Roque, 1996, **O espólio arqueológico das grutas naturais da Senhora da Luz (Rio Maior)**, *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 6, p. 195-256, Oeiras.

GOMES, Mário Varela, 1994, **A necrópole da Alfarrobeira (S. Bartolomeu de Messines) e a Idade do Bronze no concelho de Silves**, *Xelb*, 2, 162p.

HENRIQUES, Francisco, CANINAS, João Carlos, e CHAMBINO, Mário, 1993, **Carta Arqueológica do Tejo Internacional**, vol. 3, 299 p., Vila Velha de Ródão.

PROENÇA JÚNIOR, Francisco Tavares de, 1910, **Archeologia do districto de Castello Branco. Contribuição para o seu estudo**, Typ. Leiriense, 25p, Leiria.

SILVA, Carlos Tavares da, SOARES, Joaquina, 1983, **Contribuição para o estudo do megalitismo do Alentejo Litoral. A sepultura do Marco Branco (Santiago do Cacém)**, *O Arqueólogo Português*, série IV, vol. 1, p. 63-87, Lisboa.

UERPMANN, Margarethe, 1995, **A industria de pedra lascada do Zambujal. Alguns resultados**, *Trabalho de Arqueologia*, 7, p. 37-43, Lisboa.

VILAÇA, Raquel, CRISTOVÃO, Elisabete, 1995, **Povoado pré-histórico de Monte do Trigo (Idanha-a-Nova)**, *Estudos Pré-Históricos*, vol. 3, p. 201-211, Viseu.

Est. I

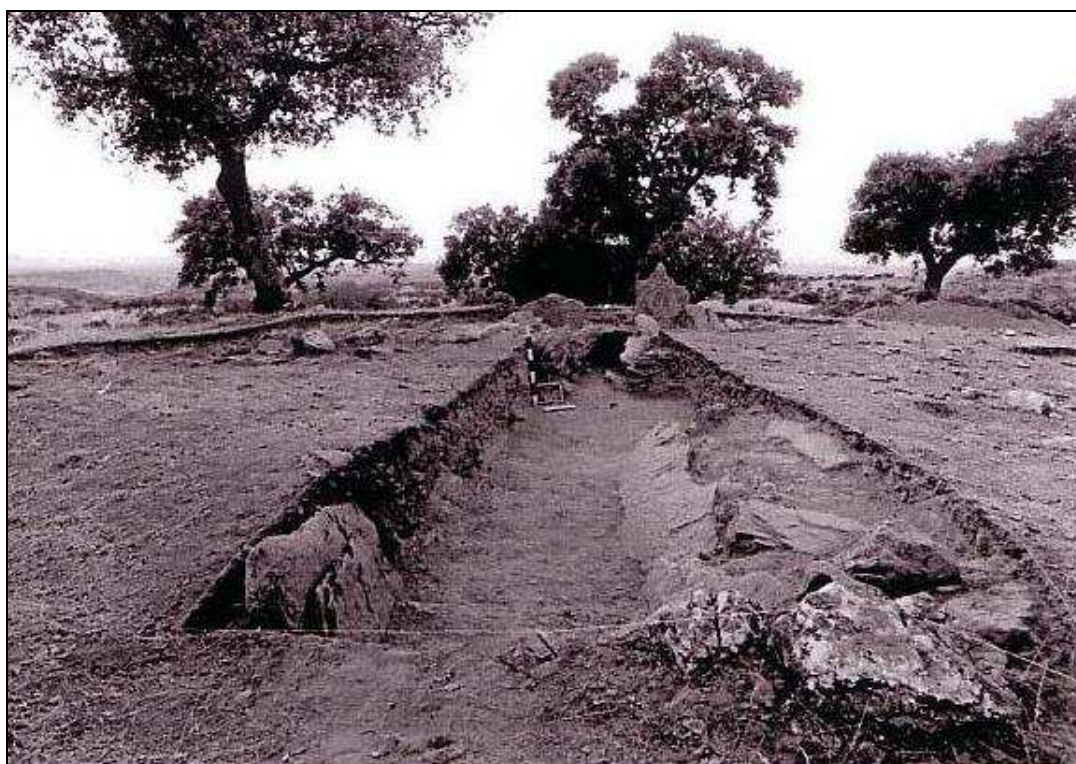
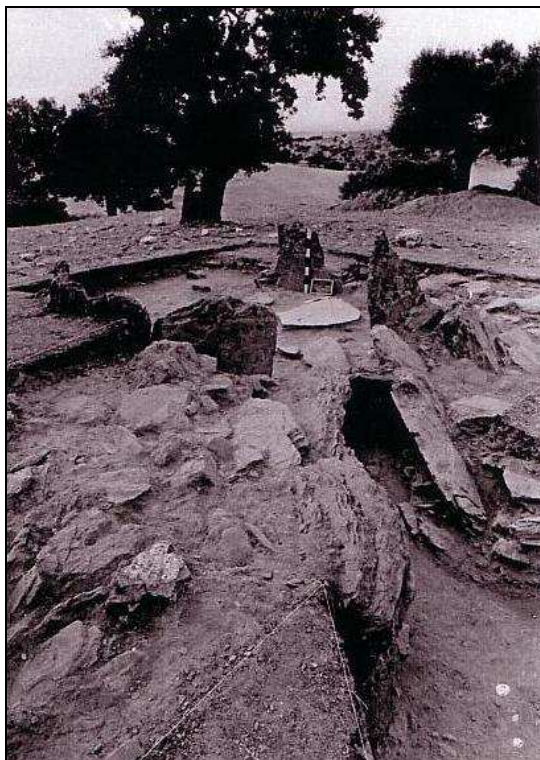


Vistas do monumento no final da escavação (em cima) e aspecto da escavação na área do *tumulus* (em baixo). Fotos de J. L. Cardoso.



Vistas da câmara no final da escavação (em cima) e aspecto da câmara e início do corredor (em baixo). Fotos de J. L. Cardoso.

Est. III

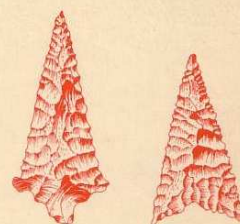
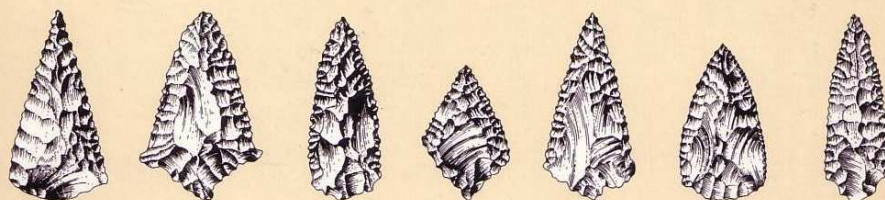


Sector do corredor na passagem para a câmara (em cima) e vista de conjunto do corredor (em baixo). Fotos de J. L. Cardoso.



Centro de Estudos Pré-históricos da Beira Alta

ESTUDOS PRÉ-HISTÓRICOS



1997 **5**